APLAUSO

ANO II Nº 7

guia de teatro

EXEMPLAR GRATUITO

Cláudia Ohana

Carmen, de Bizet, em recriação de Augusto Boal

● Jornal do Teatro ● Peças em Cartaz ● Fim de Noite ● Antonio de Bonis ● Cristina Pereira ● Domingos de Oliveira ● Maria Clara Machado ● Wilson Cunha

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

O teatro é o reflexo da vida

O teatro é a minha vida. Desde que fundei com um grupo de amigos o Teatro Tablado, há 48 anos, as casas de espetáculo transformaram-se em minha segunda casa.
É por isso que fico feliz ao ver que, com o passar dos anos, o teatro só tem feito melhorar — os jovens grupos que se multiplicam demonstram claramente isto. Para mim, o teatro é o reflexo da vida. Tudo o que se passa em cima de um palco diz respeito à ela: as virtudes, as aflições, as alegrias, os altos e baixos. Em momentos como este, em que se só fala em crise (e estamos sempre em crise de alguma coisa), penso que não existe melhor matéria-prima do que ela própria para se fazer um bom espetáculo. É a crise que nos dá elementos para pensar, analisar, trabalhar, mudar. Para os jovens atores, eu diria: não desistam na primeira dificuldade. Continuem, porque o teatro vale a pena! Penso nisso quando estou com minha turma de terceira-idade, ou quando estamos às vésperas da estréia de mais uma montagem da peça *A Bruxinha que era Boa*, dirigida pela minha sobrinha, Cacá Mourthé. O teatro flui de geração para geração. Quem assiste bons espetáculos quando criança, jamais aceitará ver um mau trabalho ao se tornar adulto, podem ter certeza. Vamos nos entregar ao teatro, que é o fenômeno da vida!

Maria Clara Machado, junho/ julho de 1999

JORNAL DO TEATRO

Nova peça de Leilah Assumpção

Ainda neste semestre, Leilah Assumpção deverá estrear no Teatro Leblon *O Momento de Mariana Martins*, contando as lembranças de uma mulher de 40 anos que tentou o suicídio. Os ensaios correm em ritmo acelerado, dirigidos por Luís Arthur Jr. No elenco, um grupo de televisivos: Cláudia Alencar no papel-título, Oscar Magrini, Mário Frias, Aracy Cardoso e Juliana Barone. Aguardem e preparem-se para algumas lágrimas...

Duas Mãos ganha versão para as avós

Depois de *Confissões de Adolescente*, *O Diário de Anne Frank* e *Duas Mãos*, Carol Machado e Ingrid Guimarães reúnem-se para um novo projeto. Estão remontando *Duas Mãos*, desta vez com o título de *Duas Avós*, para ser levada em escolas, asilos e praças. Na primeira versão as duas faziam as netas e avós. Agora, vão se concentrar nas vovós.

Oficinas de teatro no Museu do Telefone

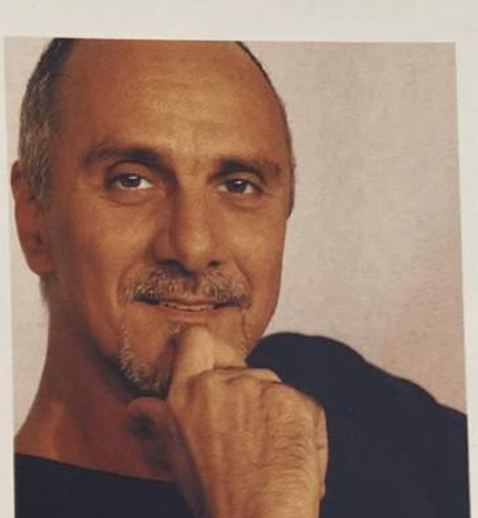
Em parceria com o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão do Rio de Janeiro, o Museu do Telefone está promovendo a partir deste mês oficinas de espetáculos. Os cursos de teatro envolvem várias áreas: interpretação, iluminação, cenário, figurino e sonorização. São módulos independentes, a duração dependendo da área escolhida. No final de cada curso, também está prevista a montagem de uma peça pelos alunos. As inscrições estão sendo feitas de terça à sexta-feira, das 9 às 18 horas, no Museu do Telefone/Telemar, rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo. A mensalidade é de R$ 100 por cada módulo. Matrícula gratuita. Membros dos Sindicatos dos Músicos do Rio, dos Trabalhadores da Indústria Cinematográfica e Audiovisual, dos Telefônicos, e também funcionários da Telemar e parentes de membros do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos têm 20% de desconto nas mensalidades.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Cruz Lima, 19/401, CEP 22230-010, Rio de Janeiro, RJ. Fones: (021)557-5239 e (021)285-4342. E-mail: aplauso@nutecnet.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Rubens Tonelli (arte), Maria Lúcia Rangel e Dalila Magarian (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Simone Rodrigues.

PALAVRA DE DIRETOR

Antonio de Bonis

O texto musical



***Antonio De Bonis é o diretor de dois musicais atualmente em cartaz:* Dolores e O Século do Progresso.**

"Embora tenha me formado em Direito, o teatro e a música acabaram por falar mais alto do que os processos e as leis. Ainda me lembro das óperas que ouvia com meu pai, Francesco, quando era só uma criança de colo recém-chegado da Itália, onde nasci. E o que mais é uma ópera do que a união do teatro com a música? Consegui tornar concreta esta dupla paixão em 89, anos depois de ter iniciado uma carreira como ator, ao estrear meu primeiro musical, *Lamartine para Inglez Ver*, com um elenco que reunia Vera Holtz, Paula Morelenbaum, Guida Vianna — um projeto acalentado durante seis anos. Depois disso vieram outros musicais, e quando me perguntam onde está o meu texto, respondo que ele se encontra dentro das canções.

Minha matéria-prima é a música. As letras que compositores inspirados e sintonizados com seu próprio tempo escreveram para chegar ao coração dos seres humanos são o meu roteiro. Acredito que esta seja a grande missão dos musicais — tocar o coração, despertar as emoções, estimular o pensamento e, finalmente, tornar o ser humano mais feliz. Através das letras das canções podemos falar sobre tudo, contar uma história, retratar uma época, fazer transformações.

Quando vejo o público lotando as casas de espetáculo para assistir aos bons musicais que estão em cartaz, sinto que minha intuição estava certa. De fato, não é a crítica, nem a mídia, nem os atores, tampouco os diretores que consagram um gênero ou fazem dele um sucesso: é o público. Só consigo avaliar o sucesso de um espetáculo pelo teatro cheio ou vazio. Não existe dúvida de que neste final de século as pessoas estão pedindo para se emocionar através de musicais de qualidade. E a minha missão, como diretor, é fazê-las felizes.

Acompanhe a vida atribulada da personagem de Federico Garcia Lorca, em cartaz na Casa da Gávea, e conheça um lado ainda pouco explorado de Cristina Pereira.

Por Maria Lúcia Rangel

Dona Rosita, a solteira

Ela é comediante até na hora de falar. Tem aquele ritmo rápido de comédia que atualmente está precisando conter para entrar na pele de Dona Rosita, personagem de Federico Garcia Lorca muito mais dramático que cômico — e que chegou até ela de um jeito inesperado. Cristina Pereira estava fazendo a Ritinha de *Salve Amizade*, em 98, quando recebeu uma carta de monges que moram em Friburgo. Era um pedido para não deixar morrer a memória de Lorca em seus 100 anos de nascimento, completados no ano passado. A atriz começou a amadurecer a idéia de levá-lo para a Casa da Gávea. Conversando com os sócios, decidiram-se por um ciclo temático de leitura. Não demorou muito e ela já pensava na montagem de uma peça. E ficou decidido que seria *Dona Rosita, a Solteira*, com tradução de Carlos Drummond de Andrade.

A história, ambientada em Granada na virada do século 19, foi escrita inicialmente como comédia, para compensar a tragédia contida em *Bodas de Sangue* e *Yerma*. Mas acabou como tragicomédia, principalmente no terceito ato, quando as personagens femininas, depois de 25 anos, vagam por um cenário de vida que já não é o mesmo e Rosita está transtornada pelo tempo.

Rosita é Cristina Pereira, a sobrinha dos personagens de Rubens Araújo e Duse Nacaratti, que também criam um sobrinho, interpretado por Leonardo Vieira. Na casa mora ainda uma ama dedicada que representa a voz do povo, feita por Vic Militello. Rosita apaixona-se pelo primo. Ainda no primeiro ato, ficam noivos e ele parte para a América, prometendo voltar. Até o fim ela espera seu retorno, até descobrir que o noivo casou-se com outra.

"Foi muito mais difícil para mim fazer a Rosita do que a Ritinha de *Salve Amizade* – admite Cristina. A Ritinha eu 'peguei' logo, é um personagem que me cabe direitinho. Dona Rosita é um personagem que adoro, mas para chegar até ele tive que trabalhar muito. Não sou mocinha, não sou heroína e nem tenho esse perfil."

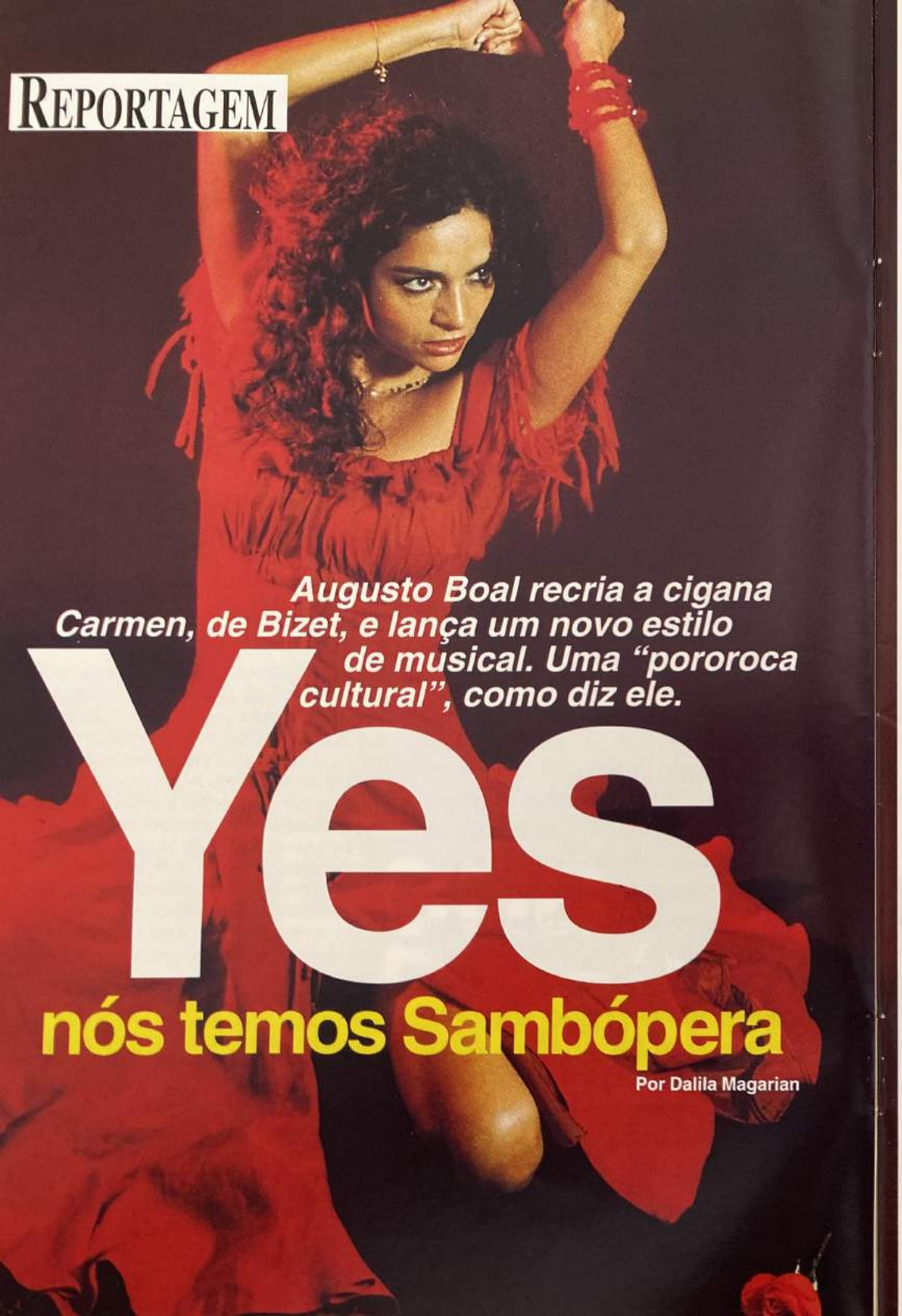
A direção é de outro sócio da Casa da Gávea, Antonio Grassi. Como ele estava gravando a minissérie *Chiquinha Gonzaga* quando os ensaios começaram, Cristina armou a direção nos primeiros ensaios e ele deu a finalização. ❖

SOS Casa da Gávea

Desde que foi inaugurada em março de 92, com o seminário *Ética*, a Casa da Gávea vem reafirmando seu compromisso de ser um espaço de convivência artística e de discussão de idéias. Com muitos dificuldades, é verdade. Os problemas vão desde o patrocínio para montar uma peça até infiltrações no velho casarão situado na esquina na Praça do Jóquei. Os sócios deste centro cultural – Antonio Grassi, Cristina Pereira, Eliane Giardini, Guilherme Abraão, Miriam Brum, Paulo Betti, Rafael Ponzi e Vera Fajardo – estão tirando dinheiro do próprio bolso para não perder a casa e manter os projetos.

A filosofia dos oito sócios vai mudar. Os projetos continuarão a existir, mas terão que ser rentáveis. *Dona Rosita, a Solteira* ainda terá entrada gratuita, condição exigida pelo Fundo Nacional de Cultura, que patrocina o espetáculo.

Mais adiante, ingressos deverão ser cobrados. Agora é tentar dar continuidade ao Projeto Lorca. E depois de *Dona Rosita* montar *Yerma* e *Bodas de Sangue*.



Augusto Boal recria a cigana Carmen, de Bizet, e lança um novo estilo de musical. Uma "pororoca cultural", como diz ele.

Yes nós temos Sambópera

Por Dalila Magarian

Que ninguém tente referir-se ao espetáculo *Carmen*, em cartaz no teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil, como uma ópera ou simplesmente um musical brasileiro. Segundo o diretor Augusto Boal, esta versão, inspirada na obra de Bizet, lança um novo estilo, um gênero inédito no mundo todo, batizado por ele de sambópera. "Chamo assim porque é samba, é ópera e é também tudo o que existe entre os dois. É um espetáculo que reflete a multiplicidade cultural", explica Boal, que há dez anos não dirigia espetáculos tradicionais no Brasil, ocupado em escrever, viajar, divulgar e aprimorar as técnicas de seu Teatro do Oprimido.

A adaptação das famosas melodias criadas por Bizet em ritmos populares para contar a estória da personagem Carmen, criada por Próspero Mérimée, foi realizada por Marcos Leite, diretor musical do grupo vocal Garganta Profunda. Segundo Boal, a musicalidade original da obra foi mantida, utilizando-se, porém, instrumentos populares e principalmente a criatividade. "É como se a melodia tivesse sido criada por um de nossos compositores populares, como se fosse nossa", conta Boal. "A sambópera é um encontro explosivo de culturas, uma pororoca cultural".

De fato, toda essa diversidade está presente na encenação, dos figurinos às músicas. Mas o diretor faz questão de afirmar que não se trata da banalização da ópera. "É uma recriação, mas sem o objetivo de abrasileirá-la. A nossa cultura reúne referências indígenas, africanas e européias. Montamos, para brasileiros, uma ópera que se passa na Espanha, escrita por franceses, sobre uma nômade cigana apaixonada por um soldado basco."

Trocando em miúdos, em vez de uma orquestra, quatro músicos se revezam em instrumentos como piano, contrabaixo, guitarra, cavaquinho, pandeiro, cuíca e percussão. Segundo o diretor musical Marcos Leite, não existiu a preocupação de dar a todas as melodias uma sonoridade especificamente brasileira. "Temos samba, maxixe, maracatu, modinhas e também valsas", diz ele. A *Habanera*, uma da árias mais famosas, virou tango, com uma percussão afri-

canizada e que, por isso, acabou batizada de *Tango Negro*.

Outra inovação na *Carmen* feita por Boal é que os atores do elenco evitam o registro do canto lírico durante o espetáculo. "Quero que a platéia consiga entender a letra. O canto lírico, muitas vezes, gera uma distorção dos fonemas, dificultando o entendimento das palavras", explica o diretor. Trata-se, portanto, de uma montagem essencialmente teatral.

Figurinos

Assinados em parceria por Lídia Kosovski e Ney Madeira, os figurinos estabelecem o mesmo sincretismo do restante da montagem. O elenco feminino ganhou saias espanholas, mas os xales exibem fragmentos das pinturas de Tarsila do Amaral, com frutas tropicais. Já o personagem Escamilo (transformado num goleador) mostra, como adereço, uma bandeira que, em cena, pode ser agitada como os panos vermelhos nas touradas.

Elenco

O onze atores e os quatro músicos que formam o elenco nunca saem de cena e foram escolhidos a dedo pelo diretor, que diz ter utilizado três critérios para a seleção — o primeiro é que todos soubessem realmente cantar, o segundo que fossem bons atores e, por último, que tivessem um bom caráter. "Para uma aventura nova e inédita como esta, era fundamental que todos os envolvidos tivessem um ideal solidário, um espírito de equipe", explica. Os atores eleitos foram Cláudia Ohana (Carmen), Raul Serrador (José), Ana Borges (Micaela), Duda Mamberti (capitão Zuniga), Cecília Boal (mãe de José), Marcelo Escorel (Escamilo), Celso Branco (Luís Pastia), Jorge Caetano (Remendado), Izabella Bicalho (cigana), Regina Lucatto (cigana). Os músicos são Cléo Boechat, Dôdo Ferreira, Marco André e Fabiano Salek.

O diretor

Augusto Boal foi diretor do Teatro de Arena (o principal grupo teatral do país, junto com o Oficina) de 1956 a 1971, quando acabou preso e exilado pelo regime militar. Boal é o criador do Teatro do Oprimido — seu princípio básico é de que não-atores possam usar o teatro como forma de expressão e de transformação da realidade. O método está hoje difundido em mais de 50 países, e só este ano acontecem três festivais internacionais. Vereador pelo PT de 93 a 96, Boal dedica-se atualmente em coordenar oficinas de teatro. Apesar de ter feito montagens fora do país nos últimos anos, retorna ao palco convencional com a sambópera *Carmen*.

O enredo

A ópera se passa em Sevilha, na Espanha. Carmen é uma cigana que trabalha numa fábrica de cigarros e vive com contrabandistas na taberna de Lilas Pastia. Ao acontecer um incidente na fábrica, ela recebe ordem de prisão do capitão Zuniga. Na prisão, envolve-se com Don José, soldado que se apaixona perdidamente por ela, a ponto de abandonar a noiva, Micaela, e seguir Carmen em sua vida errante. Mas Carmen apaixona-se por Escamilo — que na adaptação deixa de ser um toureador para ser um jogador de futebol, um "goleador". ❖

De centro financeiro a ponto de encontro cultural e intelectual

O CCBB, que foi criado em 1989 e instalado na antiga sede do Banco do Brasil na rua Primeiro de Março, tornou-se um ponto de referência cultural e intelectual da cidade do Rio de Janeiro e do país. A arte e a cultura refletem-se, em primeiro plano, na arquitetura do prédio, com amplos espaços emoldurados por colunas gregas no foyer e iluminados por uma cúpula de vidro de 40 metros de altura. Cerca de 150 mil pessoas procuram o centro todos os meses para usufruir de produções de qualidade nas salas de cinema e vídeo, nos três teatros, salas de exposições, biblioteca (totalmente informatizada) e museu. O endereço foi cenário de boa parte da história financeira da República. O projeto de Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, arquiteto da Casa Imperial e discípulo de Gradjean de Montigny, teve início em 1880. O prédio foi inaugurado em 1906, abrigando a associação comercial. Também funcionaram ali a Bolsa de Fundos Públicos e outras instituições, como o Banco do Brasil, transferido para o prédio em 1926. Atualmente, as salas da presidência, no quarto andar, ostentam móveis da década de 40, estilo neoclássico, fabricados pelo Liceu de Artes e Ofícios, de São Paulo. Os vasos são do século 19. Além disso, o CCBB tem também um restaurante, uma casa de chá e uma bombonière — locais que já se transformaram em ponto de encontro na cidade.

Patrocínio em debate

Wilson Cunha, diretor dos canais Multishow e Brasil, lança a idéia: a realização de um seminário em que serão discutidas alternativas dentro das leis atuais de incentivo ao patrocínio de peças teatrais. **Por Guta Goulart**

Aplauso: O Multishow é um dos poucos canais que ajudam o teatro...

Wilson Cunha: Antes de mais nada, eu não diria que o Multishow "ajuda" o teatro. Quem precisa de ajuda é criança carente. O que o Multishow tem é uma política de apoio ao teatro, porque acreditamos nesse meio como forma de expressão artística e cultural.

Aplauso: Como é realizado o apoio?

Wilson: Basicamente, através da cobertura maciça da atividade teatral e apoio específico às montagens já existentes. Também estamos desenvolvendo um projeto de auxílio às produções desde o seu nascimento, em que tentaremos viabilizar a realização de making-of, por exemplo, e ainda a presença do Multishow no plano de mídia da peça, aquele a ser apresentado ao patrocinador. Nossa intenção é ter uma participação mais radical. Até hoje não se fez making-of das produções teatrais. Eu me lembro de um curta-metragem ótimo da Carla Camuratti sobre *O Mistério de Irma Vap*, mas só foi realizado quando o espetáculo já estava pronto.

Aplauso: Você falou na palavra mágica: patrocinador.

Wilson: Sempre que se chega a esse ponto, cria-se um impasse. As leis atuais de incentivo ao patrocínio apresentam alguns problemas, mas eu acredito que não se constrói nada destruindo tudo o que já existe. Devemos lembrar também que essas leis são uma das ferramentas para a viabilização da cultura. Por que não procurarmos ver o que não está funcionando e lutarmos para consertar?

Aplauso: Problemas sempre existiram. Ou não?

Wilson: Fui crítico de teatro durante 15 anos, numa época em que as peças ficavam meses em cartaz e havia sessões de terça a domingo. Hoje, mesmo grandes sucessos como *A Dona da História*, com Marieta Severo e Andréa Beltrão, apresenta-se apenas de sexta a domingo, e isto em uma metrópole como São Paulo. Ok, quando falei em peças que permaneciam longas temporadas em cartas, estava me referindo aos anos 70. De lá para cá, vieram a internet e a tevê a cabo, talvez contribuindo para uma diminuição do número de espectadores. Mesmo assim, acredito que a comunidade teatral deva dar uma parada e pensar no tipo de teatro que se deve fazer hoje e na forma operacional de viabilizá-lo.

Aplauso: O que poderia ser mudado?

Wilson: O teatro precisa de uma política consistente de desenvolvimento e profissionalização, para melhor aproveitar as leis e encontrar outros caminhos de realização. E a consciência dessa necessidade deveria partir da própria comunidade teatral. Já existem movimentos nesse sentido. Honestamente, acho muito difícil alguém ser um bom autor, um bom diretor, um bom produtor e, ao mesmo tempo, um bom captador de recursos. Volta e meia, recebo no Multishow produtores que, ao apresentarem seus projetos, já começam o discurso tentando me convencer a "ajudar" o teatro. Repito o que disse no início: quem precisa de ajuda é criança carente.

Aplauso: Uma forte mobilização e uma discussão mais ampla seriam o caminho?

Wilson: Sim. Aproveito a oportunidade que a revista **Aplauso** me dá para lançar a idéia sobre um grande seminário em que o patrocínio, as leis de incentivo e outras alternativas sejam debatidos. Como evitar, por exemplo, que tantos espetáculos deixem de estrear por falta de apoio. Ou que os espectadores que moram fora do eixo Rio-São Paulo sejam privados de assistir às peças produzidas nas duas cidades. Discussões assim e seus posteriores resultados darão mais consistência econômica ao teatro como um todo — e uma atividade fortalecida certamente terá melhor poder de barganha. Não é possível que passemos a vida inteira ouvindo uma atriz como Fernanda Montenegro dizer que se sente "com um pires na mão" cada vez que vai falar com um empresário. Precisamos — e me incluo, se a comunidade teatral permitir — apresentar um cardápio com pratos tão atraentes quanto irresistíveis. Nada de pires na mão. O lema do seminário poderia ser justamente este: "Abaixo o pires e viva o cardápio!". ❖

O princípio e o fim

Domingos de Oliveira encena dois textos de Dostoiévski. O primeiro escrito quando ele tinha 18 anos. O segundo, aos 60.

Por Maria Lúcia Rangel

Apaixonado por Dostoiévski, Domingos Oliveira está no palco do Teatro do Planetário com dois textos do autor: *Pobre Gente* e *O Grande Inquisidor*. São, respectivamente, a primeira obra do escritor e um dos capítulos de seu último romance, Os Irmãos Karamázov, condensados na peça *O Princípio e o Fim*. Escrita entre 1844 e 1846, *Pobre Gente* é sobre o amor impossível entre Makar Alieksiévitch, um humilde escriturário, e Varvara Alieksiéievna, uma jovem costureira pobre e desamparada. Em *O Grande Inquisidor* acontece um duelo entre irmãos: Ivan é racional. Aliócha é um místico que pretende ser padre. Não se viam há muito tempo e conversam numa mesa de bar. Nas duas peças Domingos contracena com sua mulher, Priscilla Rozenbaum. O terceiro ator, Miguel Oniga, entra nos intervalos, falando da vida e obra de Dostoiévski.

Para Domingos, o que o espetáculo tem de mais atual é o contato com a liberdade. Tanto no plano intelectual quanto político.

Aplauso: Desde quando você tem esta paixão por Dostoiévski?

Domingos de Oliveira: É meu escritor de formação. Li com 18 anos e não é que ele seja melhor do que os outros. Ele é MUITO melhor do que os outros. O delírio com que escreve — principalmente a diversidade de personalidades que ele tem dentro dele e o grau de vida própria dos personagens — é meio inatingível. Ninguém foi tão longe assim. O homem é um permanente movimento, um turbilhão. E este fluxo interno do homem ninguém contou melhor do que Dostoiévski.

Aplauso: O que você já fez dele?

Domingos: Não cheguei a fazer nada especificamente. Fiz uns estudos em cima do *Pobre Gente* e de *O Inquisidor* que estão reunidos no espetáculo. Na verdade são dois textos que adoro. Um foi escrito quando ele tinha 25 anos. O outro, pouco antes de ele morrer, aos 60 anos. É interessantíssima a evolução deste autor e a verificação de que o gênio não evolui. Gênio é gênio em todas as idades. A luz é a mesma.

Aplauso: O que muda com a idade? O acúmulo de experiências?

Domingos: No caso de Dostoiévski os dois textos são igualmente vibrantes e emocionantes. O primeiro é uma história de amor. O segundo é um capítulo dos Irmãos Karamázov que teve muita importância filosófica. Foi comentado por Freud, Sartre, Camus. É o capítulo que lança a idéia da revolta, do homem que vive para dizer não. Em suma, é a gênese dos anos 50 e 60. É a gênese de todos os movimentos revoltosos que surgiram, como beatniks, juventude transviada, hippies. Enfim, praticamente todos os rebeldes sem causa.

Aplauso: Neste trabalho, você entra na vida pessoal de Dostoiévski também.

Domingos: Nos intervalos das peças, o Miguel Oniga se comporta como um estudioso de Dostoiévski e conta sua vida para o público. Nada didático, mas comentado. Dizem que o verdadeiro filósofo é o que vive de acordo com a sua filosofia. A vida de Dostoiévski tem tudo a ver com a obra. Extremamente conturbada, marcada principalmente por três fatos: falta de dinheiro, o que o torna muito moderno. A paixão pela roleta. E a epilepsia, que fui estudar e constatei ser uma doença interessantíssima, que aguça a sensibilidade. O ataque epilético é caracterizado por convulsões e queda, demorando cinco minutos. A verdadeira doença é o antes e o depois. Antes o doente é acometido de um estado delirante onde vê e sente um mundo maravilhoso e perfeito. Depois é a depressão profunda, que pode demorar semanas. É o que Dostoiévski descreveu certa vez como sendo a sensação de perda de um ser muito querido. ❖

O centenário de Dom Casmurro é comemorado com montagem especial na Academia Brasileira de Letras. **Por Dalila Magarian**

Capitu para todos

A comemoração é múltipla — junho é o mês de aniversário dos 160 anos do nascimento de Machado de Assis, e o ano marca o centenário de uma de suas mais importantes obras, o romance Dom Casmurro, que entre outros méritos consagrou a célebre e enigmática personagem Capitu na literatura brasileira. Quem sai ganhando é o público, que poderá assistir a montagem inédita do espetáculo *Capitu, Olhos de Ressaca*, no teatro da Academia Brasileira de Letras (ABL), a casa que o próprio autor presidiu a partir de sua fundação, em 1897.

A montagem de Capitu, dirigida e adaptada por Marcus Vinícius Faustini e Walter Daguerre, foi escolhida entre dezenas de projetos apresentados ao presidente da Academia, Arnaldo Niskier, dentro do cronograma de comemorações previsto pela ABL. Segundo Faustini, o espetáculo possui uma importância não apenas cultural, mas principalmente social. "É a popularização da obra de Machado de Assis e a ratificação de sua importância histórica no cenário cultural, já que ele foi um dos autores que melhor soube retratar o país de sua época."

No espetáculo, o personagem Bento, o Dom Casmurro, é interpretado por dois atores: o veterano Edney Giovenazzi (que comemora 40 anos de carreira) e Leonardo Neto (um dos atores de *O Tiro que Mudou a História*, que permaneceu três anos em cartaz). É o Bento de Edney quem faz o relato da história — através de suas memórias, ele relembra a infância e a adolescência na casa de Matacavalos, onde vivia com a mãe (a atriz Suzana Faini) e o agregado José Dias (Silvio Ferrari). As lembranças são vividas no palco por Bentinho, incluindo também o seminário onde conhece Escobar (Alexandre Barilari), aquele que viria a se tornar seu melhor amigo e o pivô de seu ciúme por Capitu.

O papel da protagonista coube à atriz Bel Kutner, que precisou fazer alongamento em seus cabelos e tingi-los de preto para assumir a aparência da personagem por quem Bento sentia-se completamente apaixonado e descrevia como "a mais bela das mulheres, com lindos braços e cabelos negros". Segundo a atriz, Capitu é uma mulher de sua época, porém menos dócil e mais ativa do que a maioria delas. "Todo o seu mistério, na verdade, é atribuído pelo próprio Bento, através da forma como ele a enxergava."

São vários os indícios de que Machado de Assis pretendeu escrever uma obra paralela a Othelo, de Shakespeare. Um deles é o fato de a tragédia shakesperiana ter recebido uma montagem especial no Rio de Janeiro à época de Machado. Em Dom Casmurro, porém, Capitu não tem a chance de Desdêmona em deixar clara sua inocência, uma vez que todos os episódios são uma versão dos fatos a partir do ponto de vista de Bento. *Capitu, Olhos de Ressaca* é também a primeira montagem de uma trilogia sobre ciúme a ser realizada por Faustini. A peça *Othelo* e a ópera *Pagliacci,* de Ruggero Leoncavallo, deverão completá-la. ❖

Academia Brasileira de Letras: o apoio que veio da França

A criação da Academia Brasileira de Letras nasceu da idéia de um grupo de jovens escritores, dando corpo às propostas iniciais de Lúcio Mendonça e Medeiros e Albuquerque. Em 1896, os vários encontros na redação da *Revista Brasileira* assumiram a forma de sessões preparatórias, até que no dia 15 de dezembro do mesmo ano Machado de Assis foi aclamado como o primeiro presidente. No dia 20 de julho instalou-se oficialmente a Academia, data em que se comemora, até hoje, sua fundação. À época sem sede própria, a ABL peregrinou pelo centro velho do Rio de Janeiro, passando pela Biblioteca Fluminense e pelo Ginásio Nacional. Em 1923, uma réplica do prédio Petit Trianon, de Versalhes, foi doada pelo governo francês à ABL. No térreo, a casa dispõe de um salão nobre e outras belas salas decoradas com móveis de época. No andar superior, encontram-se a Sala de Sessões, a preciosa Biblioteca e o salão de chá. Num moderno edifício (o palácio Austregésilo de Athayde), instalou-se, em 1979, o Centro Cultural do Brasil, para onde foram transferidos o Arquivo, a Presidência da Casa, o Setor de Publicações e as atividades administrativas.Tomando como modelo a Academia Francesa, foram criadas 40 cadeiras ocupadas pelos acadêmicos, substituídos apenas após a morte. Atualmente, a presidência da casa pertence atualmente a Arnaldo Niskier.

Glorinha com Hugo Carvana (ao lado) e Fernanda Montenegro.

As donas da VOZ

Recém-premiada com a estatueta Shell pelo conjunto de seu trabalho, *Maria da Glória Beuttenmüller*, ou simplesmente Glorinha, é a superfonoaudióloga das estrelas. *Márcia Tanuri*, que desenvolveu um longo estudo sobre voz e já completa 25 anos de carreira, é outra festejada profissional, dedicada a preparar a voz de vários atores e atrizes que atualmente brilham em palcos pelo país afora. Para as duas profissionais, a voz é mesmo fundamental.

Aplauso: A preparação de voz para o teatro é imprescindível?

Glorinha: Sinto como fundamental, pois a fala é a pessoa. E a voz, a personalidade que se modifica de acordo com o personagem representado.

Márcia: Uma fala clara e desinibida é extremamente necessária, sem dúvida. O ator precisa de um trabalho diferenciado de volume e intensidade. No teatro tudo tem que ser aumentado, toda a expressão precisa ser bastante ampliada.

Aplauso: Qual a principal deficiência vocal dos atores?

Glorinha: O uso inadequado da voz é a principal delas. Costumo dizer aos atores que me procuram que nunca se esqueçam da regra dos três 'R' para melhorar a voz: relaxamento, respiração e ressonância.

Márcia: Considero a falta de força de intenção. Eles articulam mal as palavras e a projeção é fraca. O mundo está muito barulhento, as pessoas não se ouvem mais. O ator precisa ter essa sensibilidade e trabalhar sua expressão vocal.

Aplauso: Como vocês definem o papel de um preparador de voz?

Glorinha: A tarefa do profissional é conhecer a ciência e a estética da fala. Não adianta ser um fonoaudiólogo e não ter conhecimento de teatro, e vice-versa.

Márcia: O preparador deve trabalhar desde a conscientização da voz e a correção de defeitos da fala até a abertura dos canais de sentimentos, incluindo a percepção de tons e entonação, dando ao ator a capacidade de atuar no seu melhor.

Aplauso: Vocês apontariam as melhores vozes do teatro?

Glorinha: É difícil dizer. Para mim, o ser humano é emocional — e o ator deve assumir, dentro do texto, as imagens vocal e corporal daquilo que diz em sua forma e essência. Se o papel for bom a voz será bela. Se for ruim, será desagradável. É complicado citar nomes. Felizmente, a boa safra é imensa.

Márcia: Dos trabalhos que fiz no teatro, cito o elenco de *Tróia*, *A Falecida*, *As Três Irmãs*, *Bonitinha mas Ordinária* e *Um Equilíbrio Delicado*. Todos eles chegaram a bons resultados.

Aplauso: Quanto tempo é preciso para que um ator melhore sua voz?

Glorinha: Nas escolas de teatro são ministradas duas aulas por semana. Mas não adianta receber aulas se não houver a prática diária dos exercícios.

Márcia: Em seis meses, observamos diferenças. No entanto, quanto mais exercícios, melhor a voz ficará.

Aplauso: É um trabalho que tem sido esquecido pelos atores?

Glorinha: Não. Há muito tempo sou procurada por diretores de teatro, televisão e cinema para fazer a direção vocal-interpretativa de alguns trabalhos. Com orgulho digo que lutei e implantei este trabalho nas empresas de comunicação.

Márcia: Percebo a cada dia uma maior preocupação com esse trabalho. Na tevê, porém, há pessoas que não são atores e estão completamente despreparados para atuar, contratados pela beleza física. Acredito que a própria exigência da arte de interpretar fará com que essas pessoas procurem o aprimoramento. ❖

Márcia (à direita) com Zezé Polessa e Maria Padilha.

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

A Dança dos Mitos

Comédia policial em que os principais personagens são Marilyn Monroe, Che Guevara, Elvis Presley e Joana D'Arc. No elenco: Rodolfo Bottino, Isabella Garcia, André Bonow e Rosana Oliveira. A direção é de Marcelo Saback. Texto de Vinícius Márquez. **Teatro do Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 563-4163. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 21h. R$ 15 (qui., sex. e dom.) e R$ 20 (sáb.). Até 20 de junho.

A Indústria da Violência

Violência mostrada em vários aspectos com o objetivo de ganhar audiência. Texto e direção de Augusto Thomas Vanucci. Elenco: Izabela Bicalho e Christina Ferro. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. Quarta, 21h30. Sexta e sábado, meia-noite. R$15.

A Volta por Cima

Duas mulheres de mundos diferentes descobrem que são casadas com o mesmo homem. Texto de Edson Werneck. Direção de Herval Rossano. Com Nívea Maria e Helena Werneck. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 325-1645. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15 (qui. e sex.), R$ 20 (dom.) e R$ 25 (sáb.).

Alice Através do Espelho

A partir da obra de Lewis Carrol o espectador é convidado a acompanhar Alice em um mundo repleto de nonsense. Texto de Maurício Arruda Mendonça. Direção de Paulo de Moraes. No elenco: Carolina Kasting, Patrícia Selonk, Simone Mazzer e outros. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, Lapa). Fone para reservas (apenas 35 espectadores por sessão): 554-5281. De quinta a domingo, 20h. R$ 15. Até 27 de junho.

Arte

Três amigos se desentendem depois que um deles gasta uma fortuna comprando um quadro completamente em branco. Direção de Mauro Rasi. Elenco, Paulo Goulart e Pedro Paulo Rangel. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 540-6004. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Até que as Sogras nos Separem

Comédia de Moacyr Veiga com duas sogras infernizando a vida de um casal. Direção de Regiana Antonini. Elenco: Malu Bailo, Berta Loran, Thelma Reston e Moacyr Veiga. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9696. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Sessão extra quinta-feira às 17h. R$20.

Boom

Texto de Luís Carlos Góis sobre um médium que incorpora várias entidades. Direção de Marcus Alvisis. Com Jorge Fernando, Marcello Barros e Carolina Rebello. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Capitu, Olhos de Ressaca

Adaptação comemorativa do centenário do romance Dom Casmurro, de Machado de Assis. Direção e adaptação: Marcus Vinícius Faustini e Walter Daguerre. No elenco: Bel Kutner, Edney Giovenazzi, Leonardo Neto, Alexandre Barilari, Suzanna Faini, Silvio Ferrari e Walter Daguerre. **Teatro Raimundo Magalhães Junior** (da Academia Brasileira de Letras). Avenida Presidente Wilson, 203 – 1º andar. Fone: 524-8230. De quinta a domingo, 19h. Sábado, 20h. R$ 15. Até 27 de junho.

Carmen

Espetáculo adaptado a partir da obra de Bizet e transformado em 'sambópera'. Adaptação de Augusto Boal, Celso Branco e Marcos Leite. Direção de Augusto Boal. No elenco, Cláudia Ohana, Raul Serrador, Ana Borges, Duda Mamberti e outros. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 216-0237. De quarta a domingo, 19h. R$ 10.

Corações Solitários

Comédia sobre o homem urbano criada a partir de textos de Caio Fernando Abreu, Elisa Palatinik e André de La Crus. Direção de André de La Crus com a Companhia Teatro em Aberto. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176) Fone: 267-1647. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15 (sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

Deus lhe Pague

História de um mendigo milionário, de Joracy Camargo. Direção de Paulo Afonso de Lima. No elenco, Bemvindo Sequeira e Lucélia Santos. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 446) Fone: 275-6695. Quinta, 17h e 21h. Sexta e aábado, 21h. Domingo, 19h. R$15 (qui. e dom.) e R$20 (sex. e sáb.).

Dolores

Musical de Fátima Valença e Douglas Dwight, contando a vida pessoal e a carreira de Dolores Duran. Direção de Antonio De Bonis. No elenco, Soraya Ravenle e José Mauro Brant. **Teatro Ginástico** (Rua Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 220-8394. De quinta a domingo, 19h30. R$ 15 (qui., sex. e dom.) e R$ 20 (sáb.). Até 13 de junho.

EÇA EM TRÊS ATOS: LIGA A TV, SENTA E ASS
ISTE MULTISHOW NEWS DRAMATURGIA. MULTI SHOW CANAL GLOBOSAT

EM CARTAZ

Dona Rosita, a Solteira

A decadência de uma família na Espanha. Texto de Federico García Lorca. Direção de Antônio Grassi e Cristina Pereira. No elenco, Cristina Pereira, Leonardo Vieira e Rafael Camargo. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. Entrada franca.

E A Vida Continua

Peça espírita psicografada por Chico Xavier e adaptada por Cyrano Rosalém. Direção de Renato Prieto. No elenco, Cristina Prochaska e Renato Prieto. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. Terça, 21h. Quinta e sexta, 18h30. Sábado, 19h. Domingo, 18h. R$15.

Eu Sou Mais Nelson

Reunião de tipos de sete tragédias rodrigueanas encenada pelo grupo Alice 118, formado por atores recém-formados da CAL. Direção de Ana Kfouri. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. De Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Francisco de Assis

Musical sobre a vida do santo. De Ciro Barcellos. Direção de Demétrio Gil e Mimi Lessa. No elenco, Ciro Barcellos, Ricardo Graça Mello e Amora Pêra. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h30. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Genética

As experiências genéticas discutidas com humor e sarcasmo. Texto e direção de Henrique Tavares. No elenco, Paulo Giannini e Carla Four. **Espaço III do Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana) Fone: 275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

Insensatez

A atriz Miwa Yanagizawa interpreta os monólogos *A Voz Humana* e *O Belo Indiferente*, de Jean Cocteau, com direção de Ticiana Studart. **Teatro Sesc-Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 458-1088. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15. Estréia dia 28 de maio.

Les Fréres Kazamaroffs (Os Irmãos Kazamaroffs).

Dois malabaristas contam a história de dois passageiros clandestinos que transpõem fronteiras dentro de caixas de uma exposição sobre o Egito que circula o mundo. **Teatro Nelson Rodrigues** (Centro Cultural da Caixa, Av. República do Chile, 230, Centro). Fone: 262-0942. De quinta a domingo, 20h. R$ 10 (funcionários e clientes da Caixa têm 50% de desconto). De 18 a 20 de junho.

Martim Cererê

Espetáculo que retrata uma parte do folclore brasileiro. Texto de Cassiano Ricardo. A direção é de Marcos Fayad. No elenco: Adriana Martins, Eliana Santos, Mozart de Oliveira e outros. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes s/n). Fone: 221-1223. Quinta, sexta e domingo, 20h. R$ 10. Até 13 de junho.

Muito Barulho por Nada

Adaptação da famosa comédia de William Shakespeare para o universo brasileiro. Direção de Sandro Lucosi com o grupo Mosaico. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arco Verde, s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui., sex. e dom.) e R$15 (sáb.). Quem estiver com a **Aplauso** no ato da compra dos ingressos ganha 50% de desconto.

Nariz de Prata

A história de Barba Azul baseada em lendas religiosas medievais, em que as vítimas são criadas. Versão de Ítalo Calvino e texto de Marilena Bibas. No elenco: Andréa Azevedo, Ingrid Koifman, Anneli Olljum e Marilena Bibas. **Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Sextas e sábados, 21h. Domingo, 20h. R$ 10. Até o final de junho.

O Martelo

Comédia de suspense de Renato Modesto. Direção de Aderbal Freire Filho. No elenco, Ney Latorraca, Bárbara Bruno Goulart e Edi Botelho. **Sala Marília Pêra do Teatro do Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

O Princípio e o Fim

Adaptação de Domingos de Oliveira e Priscilla Rozenbaum dos textos *Pobre Gente* e *O Grande Inquisidor* (este um dos últimos capítulos do livro Irmãos Karamázov), de Dostoiévski. No decorrer da peça, dados biográficos do escritor russo. Direção de Domingos de Oliveira. No elenco, Domingos de Oliveira e Priscilla Rozenbaum. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$20.

O Século do Progresso

Musical retratando a evolução do século 20 com músicas que marcaram a época. Concepção e direção de Antônio De Bonis. Direção musical de Tim Rescala. No elenco, Maria Ceiça, Débora Fontes e Aloísio de Abreu. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro do Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.)

TEATRO NO MULTISHOW. COMO DIRIA NELSON, ASSISTIR É O ÓBVIO ULULANTE. MULTI SHOW

EM CARTAZ

O Senhor dos Labirintos

O espetáculo mostra a genialidade de Bispo do Rosário, artista plástico sergipano que viveu e morreu na colônia Juliano Moreira. Todo o elenco é formado pelo grupo Imbuaça. **Teatro Nelson Rodrigues** (Centro Cultural da Caixa, Av. República do Chile, 230, Centro). Fone: 262-0942. De quinta a domingo, 20h. R$ 10 (funcionários e clientes da Caixa têm 50% de desconto). De 24 a 27 de junho.

Os Ratos do Ano 2030

Numa noite de um futuro distante, um casal de operários descobre que uma máquina poderá decidir seu futuro. Texto e direção de Flávio Migliaccio. Elenco: Dirce Migliaccio, Lúcio Mauro Filho, Nando Monteiro, Márcio Seixas e Flávio Migliaccio. **Espaço Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro). Fone: 503-8770. De quinta a domingo, 19h. R$ 15 (qui. e dom.) e R$ 20 (sex. e sáb.).

8 Mulheres

Comédia de suspense de Robert Thomas. Direção de Darson Ribeiro. No elenco, Sylvia Bandeira, Miriam Pires e Ruth de Souza. **Teatro Glória** (Rua do Russell, 632, Glória). Fone: 557-5533. De quarta a sábado, 21. Domingo, 20h. R$15 (qua. e qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.). Às quintas-feiras, 17h, sessão especial com direito a chá colonial no Hotel Glória a R$25. Até 28 de junho.

Orgasmo Telepático

Escritora famosa acorda de madrugada em meio a uma tempestade. Sem nada para fazer, relê seu primeiro livro e recorda passagens de sua vida. Texto e direção de Regiana Antonini. No elenco: Regiana Antonini e Nina de Pádua. **Sala vermelha do Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 15(qui. e sex.), R$ 20 (dom.) e R$ 25 (sáb.).

Todo Mundo Sabe que Todo Mundo Sabe (até final de agosto)

Comédia envolvendo uma socialite decadente que tenta casar a filha com um homem rico. Risadas garantidas..Texto e direção de Miguel Falabella. No elenco, Arlete Salles, Laura Cardoso, Bia Nunes e outros. **Teatro Miguel Falabella** (NorteShopping, Av. Suburbana, 5.474, Del Castilho). Tel. 595-8245. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20 (qui. e sex.) e R$ 25 (sáb. e dom.).

FIM DE NOITE

Restaurantes

Brasileiros

Casa da Feijoada
Rua Prudente de Moraes, 10-B, Ipanema. Fones: 267-4994 e 523-4994. Diariamente, 12h até 24h, c.c. todos.

Mala e Cuia
Rua Raimundo Correa, 34, Copacabana. Fone: 235-7994. Terça a sábado, 12h até 24h. Domingo, 12h até 18h, c.c. todos.

Siri Mole e Cia
Rua Francisco Otaviano, 50, Copacabana. Fones: 267-0894 e 267- 6240. Segunda, 19h em diante. De terça a domingo, 12h em diante, c.c.. todos.

Espanhol

La Plancha
Av. Ayrton Senna, 1791, box 10-E. Mercado Produtor, Barra. Fones: 431-3190 e 325-3383. De segunda a domingo, 24h, c.c. A e V.

Franceses

Clube Gourmet
Rua General Polidoro,186, Botafogo. Fones: 295-3494 e 295-1097. De segunda a sexta, almoço de 12h às 15h30. Jantar de 20h até 24h. Sábado e domingo, das 13h até 17h, c.c. todos.

Le Rouge
Av. San Martin, 1241, fone: 511-2822. Segunda a sábado, 19h em diante. Domingo, 12h até 1h, c.c. A e S.

Italianos

La Maschera di Pulcinella
Rua Farme de Amoedo, 102, Ipanema. Fone: 523-3792. Terça a sábado, 19h em diante. Domingo, a partir das 12h, c.c. todos.

Osteria Dell Angolo
Rua Prudente de Moraes,1783, Ipanema. Fone:259-3148. Segunda a sexta, 18h30 em diante. Sábado e domingo, 12h em diante, c.c. A e S.

Japonês

Tanaka San
Rua Bartolomeu Mitre, 112, Leblon. Fone: 239-0198. Segunda a sexta, 19h até 1h. Sábado e domingo, almoço das 13h às 15h. Jantar a partir das 19h, c.c. A, S e V.

Português

Antiquarius
Rua Aristides Espínola, 19, Leblon. Fones: 294-1049 e 294-1496. Diariamente, 12h às 2h, c.c. D

Churrascarias

Porcão
Rua Barão da Torre, 218, Ipanema. Fone: 522-0166. A partir das 11h30, c.c. todos.

Marius
R. Francisco Otaviano, 96. Ipanema. Fone: 521-0500. Diariamente, 11h45 até 24h30, c.c. todos.

Pizzarias

Gattopardo
Av. Borges de Medeiros, 1426, Lagoa. Fone: 219- 3133 Segunda a quinta, 12h até 3.30h, c.c. M e D.

Gepetto
Estrada dos Bandeirantes, 23417, Vargem Grande. Fone: 428-1100. Sexta a domingo, 12h até 24h, não aceita cartões.

Centro Gastronômico

Garcia & Rodrigues
Av. Ataulfo de Paiva, 1251, lj. AB., Leblon. Fone: 512- 8188. Diariamente, 8 até 24h, c.c. todos.

Coração Mamulengo está na Casa de Cultura Laura Alvim, aos sábados e domingos, 17 horas.

Ariano Suassuna para crianças

Por Maria Lúcia Rangel

Cia. Estável de Humor apresenta novamente Coração Mamulengo, com a presença superespecial dos bonecos nordestinos.

Uma curtíssima temporada de duas semanas no ano passado e três indicações ao Mambembe são motivos mais que suficientes para a volta aos palcos cariocas do espetáculo infantil *Coração Mamulengo*, de Ariano Suassuna. Seguindo a orientação do autor, de basear a encenação nos mamulengos, com os atores caracterizados como bonecos nordestinos, a diretora Carmen Leonora foi além. "Resolvemos não só aproximar a expressão corporal dos atores que participam da peça com a dos mamulengos, mas também trazer para a cena a manipulação de bonecos típica desse teatro."

A peça, da Cia. Estável de Humor, tem um intrincado enredo amoroso. Marieta (Carmen Leonora) é disputada por três pretendentes. O Capitão Rosinha (Marcos França), a autoridade militar da pequena cidade. O truculento fazendeiro Vicentão (Telmo Fernandes) e o pobre e astuto Benedito (Mário Mendes), que passa a peça tentando driblar os concorrentes.

Carmen acrescentou um prólogo em que os personagens são apresentados com mamulengos feitos para o espetáculo por Zé Lopes, um dos mais importantes mestres-mamulengueiros de Pernambuco.

"A partir daí", diz o ator Mário Mendes, responsável pela direção de movimento do elenco, "é a vez do ator aproveitar e recriar a expressão dos bonecos, conforme recomendação de Suassuna."

As músicas, executadas ao vivo, são inspiradas no Movimento Artístico Armorial, fundado pelo próprio Suassuna, e compostas por Marco Aureh. Texto e música renderam um CD, recém-lançado. ❖

NÃO PERCA

O espectador gostou, assistiu e indica.

Boom

"Minha dica é para que ninguém perca o espetáculo *Boom*. Além de diretor, nesta peça o Jorginho Fernando demonstra que é um ótimo ator. E sabe fazer rir como ninguém. É só conferir."

Matheus Rocha, ator

Deus lhe pague

"Ninguém pode perder o espetáculo *Deus lhe Pague*, se quiser dar boas risadas. Lucélia Santos e Bemvindo Sequeira estão maravilhosos e o texto é sem comentários. Assistam!"

Gabriela Alves, atriz.

Alice Através do Espelho

"O grupo Armazém confirma seu compromisso com a qualidade ao adaptar para o teatro o sempre envolvente texto de Lewis Carrol. Bom elenco, trilha sonora belíssima e uma original ocupação do espaço cênico constituem o ponto forte desta montagem itinerante. Os únicos senões ficam por conta de um tom de voz desnecessariamente alto e agressivo por parte dos atores e da falta de aviso quando à maneira como se inicia o espetáculo, já que os espectadores são levados a descer por um escorregador — e no escuro — de um andar para outro. Um sobressalto desnecessário. Mas o saldo é altamente positivo".

Bernardo Jablonski, escritor e jurado do Prêmio Shell de Teatro.

A Dança dos Mitos

"Há excelentes peças em cartaz. Mas se for para destacar apenas uma delas, minha sugestão é a de que o público assista *A Dança dos Mitos*. Isabella Garcia, Rodolfo Bottino e todos os outros atores do elenco merecem mesmo os aplausos!"

Malu Mader, atriz.

Fotos: Divulgação

SPOT

Na estréia de Deus lhe Pague...

Antonio Guerreiro. e Lucélia Santos.

Bibi Ferreira e Walter Avancini

Walter Avancini com Marília Pera.

Bemvindo Sequeira e Rosinha, primeira-dama do Estado .

Fotos: William Nery/ DiAbreu Imagem

e do filme Orfeu...

Toni Garrido e Isabel Fillardis.

Daniel Filho e Marieta Severo.

Patrícia França com Murilo Benício...

... e com Caetano Veloso.

Cena Aberta

Silvio Pozatto

Fernanda Montenegro em *As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant*, 1983.

OSTERIA DELL'ANGOLO

enoteca - ristorante

Rua Prudente de Morais, 1.783
Ipanema - Tel.: (021) 259-3148

Le Rouge

restaurante

Av. General San Martin, 1.241
Leblon - Tel.: (021) 511-2822

O melhor das cozinhas italiana e francesa oferece 15% de desconto (individual) para quem apresentar um ingresso de teatro.

Draft

Toda quinta, a Icatu Hartford leva o teatro para dentro da sua casa.

Icatu Hartford Seguros. Patrocinadora do programa Diário do Teatro com Sergio Britto: na TVE, toda 5ª, às 19h, com reprise aos domingos, às 21:30h.

Icatu HARTFORD

Decisões para toda a vida.

SEGUROS DE VIDA E PREVIDÊNCIA

0800 25 3000